

Luiz Carlos Schwindt (UFRGS) – “Zeros na flexão nominal portuguesa à luz da Optimal Interleaving Theory

Para dar conta da violação ao princípio de biunivocidade identificada no mapeamento entre morfemas sem correspondentes no plano da expressão, a tradição distribucionalista fez amplo uso de zeros morfológicos. No âmbito da flexão nominal, a descrição mattosiana (Câmara Jr., 1970) postulou, para o português, no caso do gênero, a oposição zero / feminino, como em menino+ \emptyset / menina; no caso do número, a oposição zero / plural, como em menino+ \emptyset / meninos. Consagrou-se, pois, o entendimento de que a forma masculina singular é a não-marcada no idioma. Apesar de captar essa importante generalização sobre marcação, essa análise falhava ao não explicar por que alguns morfemas tinham expressão e outros não. Além disso, proliferavam-se zeros em diferentes níveis, como no caso do alomorfe zero correspondente à marca de feminino em substantivos uniformes, como a criança, por exemplo. Com o advento da morfologia gerativa, zeros se tornaram menos motivados nas análises. Uma vez sem compromisso com o princípio de biunivocidade, estruturas morfológicas podiam carecer de realização fonética ou, ainda, uma única porção fonológica podia conter mais de uma informação morfológica (cumulação). A estrutura bottom-up, porém, preconizada pela morfologia gerativa, em especial em se tratando da hipótese lexicalista forte expressa na Fonologia Lexical, não era capaz de explicar desencontros entre a expressão do número ou do gênero dos nomes e seus correspondentes flexionais na sentença (ex. o dentista, a ponte, o pente).

Neste trabalho, assume-se uma perspectiva realizacional de morfologia, numa análise baseada em restrições: a Optimal Interleaving Theory (Wolf, 2008; McCarthy, 2011). Trata-se de uma teoria que faz uso dos pressupostos do Serialismo Harmônico (McCarthy, 2007). Nessa concepção, GEN (generator) é limitado a realizar uma modificação de cada vez; como os outputs podem se diferenciar de várias formas, o output de cada passo torna-se input do passo seguinte, num mecanismo iterativo entre GEN e EVAL (evaluator), até que mais nenhuma mudança seja possível. Não se trata de Teoria da Otimidade serial, mas de uma abordagem derivacional dessa teoria – tão somente na perspectiva da interação entre os componentes a que nos referimos. A Optimal Interleaving Theory, em acréscimo às restrições empregadas na Teoria da Otimidade standard e no Serialismo Harmônico, propõe restrições de correspondência entre traços nas representações morfossintática e fonológica. O ranqueamento dessas restrições responde pela ordem correta no spell-out de morfemas. Isso representa uma importante vantagem sobre a Teoria da Otimidade standard.

A hipótese mais geral do estudo é de que gênero e número são morfemas abstratos que podem ou não se realizar. Defende-se que singular e masculino não têm realização fonológica. Como estratégia de recorte, enfatiza-se a discussão do gênero. Propõe-se que, no caso do masculino, a precedência da expressão do morfema de classe – ou vogal temática – em relação à expressão do morfema de masculino, bem como a evitação de hiatos, são responsáveis por isso. Além disso, por se tratar de uma teoria não modular, consegue-se explicar, por exemplo, o spell-out simultâneo do determinante e do nome, assegurando-se outputs corretos em formas de gênero não marcado, como a ponte ou o pente. Isso representa significativa vantagem sobre teorias seriais, mesmo sobre as realizacionais, como a Morfologia Distribuída.

Câmara Jr. J. M. (1970) Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1970.

Wolf, Mathew (2008). Optimal Interleaving: serial phonology-morphology interaction in a constraint-based model. Tese de doutorado. University of Massachusetts Amherst. ROA-996.

McCarthy, J. J. (2007). Hidden generalizations: phonological opacity in Optimality Theory. London: Equinox.

_____. (2011) Pausal phonology and morpheme realization. In: Prosody Matters: Essays in Honor of Lisa Selkirk. Ed. Toni Borowsky, Shigeto Kawahara, Takahito Shinya, Mariko Sugahara. London: Equinox. Disponível em: http://works.bepress.com/john_j_mccarthy/4/ (http://works.bepress.com/john_j_mccarthy/4/).